

AMAMENTAÇÃO NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA: INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM

Dara Cristina Analio Silva¹
Débora das Neves dos Santos Cordeiro¹
Jéssica Specimille Campos¹
Claudia Ferreira Viana²
Cristiane Bittencourt Felicio Santos³

¹ Graduandos do curso de Enfermagem da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES: daracristinajsilva@gmail.com; debora-cordeiro@hotmail.com; jessicascampos2011@gmail.com

² Professora orientadora – Faculdade Multivix Cachoeiro – Doutora e Mestre em Ciência Animal – claudiaviana@professor.multivix.edu.br

³ Professora coorientadora – Faculdade Multivix Cachoeiro – Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva Geral e Coronariana. Especialista em Captação, Doação e Transplantes de Órgãos e Tecidos. Especialista em Docência – cristiane.santos@multivix.edu.br

Data de submissão: 28/02/2025

Data de aprovação: 28/03/2025

RESUMO

O presente estudo investiga o impacto da amamentação na prevenção do câncer de mama e o papel das intervenções de enfermagem nesse processo. A revisão de literatura revela que a amamentação oferece proteção contra o câncer de mama por meio da regulação hormonal e eliminação de células potencialmente cancerígenas, principalmente pelas mudanças desses hormônios e nas células durante a amamentação. Além disso, aborda os desafios enfrentados pelas mães durante a amamentação e a importância do apoio dos profissionais de saúde. Evidencia-se o papel das intervenções de enfermagem, que incluem suporte emocional e orientação sobre técnicas adequadas, essenciais para o sucesso da amamentação e seus benefícios para a saúde das maternas. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica de estudos recentes, com ênfase na análise quantitativa de artigos para compreender o percentual atingido entre a amamentação e suas implicações na prevenção do carcinoma mamário. Destaca-se a relevância da capacitação contínua dos enfermeiros e a necessidade de políticas públicas de saúde que apoiem o aleitamento materno como estratégia de redução de incidência do câncer de mama.

Palavras-chave: aleitamento materno; enfermagem; estratégias de saúde; neoplasias da mama; saúde materna.

ABSTRACT

This study investigates the impact of breastfeeding on breast cancer prevention and the role of nursing interventions in this process. A literature review reveals that breastfeeding offers protection against breast cancer through hormonal regulation and elimination of potentially carcinogenic cells, mainly due to hormonal changes and cell modifications during breastfeeding. Additionally, it addresses the challenges faced by mothers during breastfeeding and the importance of healthcare professionals' support. The role of nursing interventions, including emotional support and guidance on adequate techniques, is essential for successful breastfeeding and its benefits for maternal health. The methodology consists of a bibliographic review of recent studies, with an emphasis on quantitative analysis of articles to understand the percentage achieved between breastfeeding and its implications for breast cancer prevention. The relevance of continuous training for nurses and the need for public health policies that support breastfeeding as a strategy for reducing breast cancer incidence are highlighted.

Keywords: breast neoplasms; breastfeeding; health strategies; maternal health; nursing.

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama prevalece como uma das mais significativas causas de mortalidade entre mulheres de todo o mundo, tornando-se um desafio para a saúde pública. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca, 2023), o carcinoma mamário é o tipo de tumor maligno mais prevalente entre mulheres residentes no Brasil, com taxas superiores nas regiões Sul e Sudeste. Estima-se que 73.610 novos casos sejam esperados a cada ano entre 2023 e 2025, representando uma taxa de incidência ajustada de 41,89 casos por 100.000 mulheres. Com centenas de novas ocorrências sendo detectadas anualmente em todo o país, estudos vêm destacando a importância da amamentação como estratégia de prevenção e proteção para a mulher.

Os mecanismos moleculares de diminuição do câncer mamário resultantes da gravidez, estão relacionados ao processamento do RNA e à diferenciação celular, e

podem estar associados a uma alteração na manutenção ou modificação das células afetadas pelo câncer (Stordal, 2022). Portanto, a gravidez e a lactação correspondem aos elementos protetores mais eficientes contra o câncer de mama, assimilados durante e após o período gestacional, fornecendo benefícios contra o desenvolvimento dessa doença, cuja mudanças hormonais presentes nesses momentos alteram o crescimento e desenvolvimento das células mamárias (Zucchetti; Peccatori; Codacci-Pisanelli, 2020).

Quando falamos da amamentação, a oferta dessa, para o bebê, é um direito biológico inquestionável da mãe para o seu filho, sendo garantia de qualidade de vida durante os primeiros meses, tendo reflexos de seus benefícios até a vida adulta. É crucial que as mães recebam apoio adequado para compreenderem o valor da amamentação e para o realizarem com sucesso, mediante de conversas sensíveis e centradas na mãe, pois oferecem oportunidade de discutir a alimentação infantil voltada para o leite materno, além dos benefícios para si mesma (Albrecht; Wang; Spatz, 2017). Entretanto, mesmo sendo reconhecido os benefícios da amamentação na redução do carcinoma mamário, além de fazer parte do processo reprodutivo, percebe-se que muitas informações fornecidas no pré-natal e puericultura são direcionadas somente para os bebês, tendo uma negligência quanto às genitoras.

Apesar da vasta pesquisa literária e científica, que corrobora a associação vantajosa entre a amamentação e a diminuição do câncer de mama, ainda há brechas no entendimento dos mecanismos envolvidos, bem como falta de estratégias na atenção primária para viabilizar a prática da amamentação como método preventivo. É dever da enfermagem fornecer informações baseadas em evidências científicas e percentuais significativos, que sustentem os inúmeros benefícios desta prática (Robles, 2023). Para promover eficazmente a amamentação, os profissionais de saúde devem compreender as experiências, as crenças e a vida social e familiar da mulher que irá receber o atendimento, sendo gestante ou puérpera (Martucheli, 2010).

A amamentação é uma prática que se aprende e é influenciada por fatores culturais, sendo transmitida entre gerações. Esse conhecimento é frequentemente compartilhado durante o período pós-parto, onde está profundamente enraizado no contexto sociocultural da mãe e de seu ambiente social. Esses aspectos afetam diretamente as atitudes maternas em relação à lactação. Assim, a amamentação é moldada tanto por tradições quanto por dinâmicas sociais (Ferreira *et al.*, 2018). A inserção da mulher no mercado de trabalho e o retorno precoce ao emprego, junto a

mudanças no estilo de vida, resultam em escolhas que nem sempre priorizam a maternidade (Cordero *et al.*, 2010). Além disso, a falta de orientações sobre amamentação dificulta a experiência para as gestantes. Conhecer as técnicas adequadas de amamentação é fundamental para garantir que o bebê consiga mamar eficientemente, evitando dor ou lesões nos mamilos e prevenindo desconfortos (Brasil, 2009).

A prevenção primária contribui como uma estratégia crucial para reduzir o ônus dessa doença, tendo a amamentação como defensor contra esse tipo de carcinoma maligno, com benefícios para a mãe e o neonato. É notória a importância da orientação durante o atendimento nas instituições de saúde, principalmente durante a primiparidade (Rodrigues, G. *et al.*, 2021). Para promover eficazmente a amamentação, os profissionais de saúde devem compreender as experiências, as crenças e a vida social e familiar da mulher que irá receber o atendimento, sendo gestante ou puérpera (Martucheli, 2010). Dessa forma, é essencial que os profissionais de saúde atuem como facilitadores do conhecimento, oferecendo orientação personalizada e suporte contínuo às mulheres durante a gestação e amamentação.

Esse trabalho consiste em uma revisão de literatura, com natureza básica e com uma abordagem de forma qualitativa, com uma pesquisa descritiva, assim coletando dados de artigos já publicados, estudando-os para responder a essa problemática apresentada. Tem-se como finalidade avaliar a eficácia da amamentação na prevenção do câncer de mama materno.

A relevância desse trabalho também reflete no papel crucial da enfermagem, que oferece aconselhamento às mães, na prática da amamentação, propondo intervenções na prevenção do câncer de mama e garantindo a instrução das mulheres sobre suas regalias. Através da investigação dos fatores que comprometem a interrupção da amamentação, pode-se então agir nos diferentes contextos que afetam e prejudicam a lactação, promovendo um processo eficaz e abrangente. Portanto, também focaremos em como a enfermagem participará em uma possível resolução do problema.

1.1 ASPECTOS MORFOLÓGICOS DAS MAMAS DURANTE O PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO

Ao inibir a ovulação, a amamentação reduz a manifestação do efeito mitogênico no estrogênio, diminuindo a taxa desse hormônio. Assim, quando a criança realiza o ato de sucção da mama, os ductos mamários sofrem um processo natural de esfoliação e remoção celular, o que contribui para a eliminação de células com alterações genéticas (Paiva, 2021). O aleitamento materno possibilita a alteração de alguns hormônios sexuais da mulher, gerando um efeito protetor e preventivo maior para a gestante.

Está cientificamente comprovado que o período em amamentação expõe menos a mulher ao estrogênio, onde, no período de expulsão da placenta, níveis elevados de prolactina e ocitocina desencadeiam a lactopoiese, causando a produção do leite materno. O ato de sucção pelo bebê proporciona a produção de prolactina, que causa uma reação desfavorável à ação do hormônio liberador da gonadotrofina (GnRH) emitido pelo hipotálamo, o que está diretamente associado à interrupção da ovulação e à diminuição dos níveis de estrogênio e progesterona, reduzindo a atuação dos hormônios do ovário, que contribuem para a não ativação das células tumorais (Silva, A.; Faustino; Silva, T., 2022).

Pesquisas sobre o impacto da amamentação na redução do câncer de mama existem há mais de 50 anos, discutindo os efeitos da faixa etária e reprodução no processo da gestação. Essa observação, no entanto, não foi uma descoberta inédita, pois Bernardino Ramazzini, médico generalista do século XVIII, havia proposto que a gravidez e a amamentação poderiam incutir o risco do câncer de mama. Ele observou que o câncer de mama era particularmente prevalente entre as mulheres em conventos, sugerindo uma ligação com suas experiências reprodutivas. Embora o médico não estabeleça uma conexão direta entre a falta de atividade sexual e a gravidez, suas observações são frequentemente interpretadas como um dos primeiros indícios de uma relação entre reprodução, paridade e risco de câncer de mama, permanecendo relevante, pois as freiras continuam a enfrentar um risco maior de mortalidade relacionado a esse tipo de câncer, além das neoplasias de ovário e útero (Franco, 2012, *apud* Brito-Marcelino *et al.*, 2020).

A ação celular está profundamente ligada ao crescimento e desenvolvimento de mecanismos inibidores do câncer mamário, diminuindo a propagação do carcinoma. O cálcio atua como um gatilho para a morte celular regulada durante o processo de involução mamária, acompanhado por uma extensa remodelação tecidual. Durante o processo de amamentação, o leite materno rico em Ca^{2+} inibe a

apoptose e a necrose celular. A exposição frequente a íons de cálcio elevados pode perturbar as conexões intercelulares, onde o composto IgA secretor (SIgA) e lactalbumina alfa (LALBA) do leite materno suprime o desenvolvimento de células de câncer de mama e induz a apoptose celular (Neville, 2005, *apud* Cross *et al.*, 2014). No apoptose, as células são destruídas de forma programada, eliminando aquelas potencialmente cancerígenas.

Outro fator importante na amamentação é a produção de leite materno, que altera a síndrome metabólica, importante na prevenção do câncer de mama. O HAMLET, complexo de alfa-lactoalbumina humana, demonstrou induzir efetivamente a morte de células tumorais e bacterianas. Este processo de morte celular se distingue por alterações na morfologia das células e pela condensação nuclear, que contribuem para o aumento da função imunológica. Primeiramente, foram encontrados apenas em pequenas quantidades nas bolhas citoplasmáticas e na formação do leite de vaca, mas semelhantes aos observados no leite humano, podem impedir a adesão em células que sofrem apoptose clássica (Kerr, 1972, *apud* França-Botelho *et al.*, 2012).

Os tecidos que compõem a mama passam por diferenciação durante o processo de amamentação, comparados aos das gestantes que não amamentam. Quando a amamentação não acontece, as células epiteliais retornam ao estado anterior à lactação, ocorrendo a interrupção do apoptose. Porém, o processo de remodelação varia conforme a duração da amamentação. Um estudo prospectivo em camundongos constatou que a falta de amamentação estava ligada a mudanças rápidas e drásticas no tecido mamário, cuja remodelação resultou em níveis mais altos de marcadores inflamatórios e aumento da acumulação de colágeno. Pesquisas *in vivo* em ratos salientaram que a remodelação súbita do tecido mamário resulta em hiperplasia ductal substancial, metaplasia escamosa e elevação sustentada de células progenitoras luminais. Embora não tenham sido verificadas em estudos humanos, estas alterações aumentam as chances de desenvolvimento do carcinoma mamário (Basree *al.*, 2019).

Uma análise de subtipos moleculares do câncer de mama revelou que a amamentação não reduz igualmente o risco de todos os tipos apresentados. Enquanto o risco de câncer de mama luminal A e TNBC é diminuído, a amamentação não parece ter gerado impacto no risco de câncer de mama HER2+. Embora a amamentação ofereça proteção para mulheres portadoras de mutação BRCA, esse efeito protetor foi estabelecido somente para aquelas com mutações BRCA-1. As investigações acerca

do impacto da amamentação em mulheres portadoras de mutações BRCA-2 continuam em curso (Lambertini *et al.*, 2016). Essa diferenciação relaciona-se pela razão de que o subtipo HER2+ possui uma propagação rápida e anormal das células epiteliais, assim como o BRCA-2, que atinge um maior número de órgãos e possui receptor de estrogênio positivo. Outro estudo sugere que a neoplasia maligna está diretamente relacionado ao fator racial da paciente, evidenciando que mulheres afro-americanas que amamentam apresentam menor probabilidade de desenvolver o subtipo triplo-negativo (TNBC), enquanto mulheres brancas demonstram uma redução na incidência do carcinoma mamário luminal A. Uma discrepância nos resultados da amamentação entre mulheres afro-americanas e mulheres brancas pode estar associado a variações em outras características, como a suscetibilidade genética, e demanda a realização de mais pesquisas (Ma *et al.*, 2017).

Segundo a maioria das fontes mencionadas, a amamentação traz significativos benefícios na mitigação do câncer de mama. Durante a amamentação, há uma diferenciação integral das células mamárias, que resulta no amadurecimento das glândulas mamárias, e essa estabilidade celular diminui a predisposição ao desenvolvimento do carcinoma mamário. Iniciando pela queda da placenta, ocorre o aumento de prolactina e ocitocina, que realizam a lactopoiese, importante para a inibição da produção de estrogênio (Bruno *et al.*, 2016). Para a puérpera, o ato de amamentar ocasiona em mudanças morfológicas e fisiológicas que vão além da prevenção do carcinoma mamário, fazendo involução uterina, diminuindo o risco de hemorragia no puerpério, além de benefícios como menor risco de evolução dos cânceres de ovário e mama, em decorrência da menor exposição ao estrogênio (Vasconcelos *et al.*, 2023).

1.2 DIFICULDADES APRESENTADAS PELA GESTANTE DURANTE A AMAMENTAÇÃO

O puerpério é considerado um período de desafios para a amamentação, sendo algo que vai além dos fatores biológicos, envolvendo a relação binominal entre a mãe e o bebê, e quaisquer problemas apresentados por um interfere no outro e no processo de lactação. Para o neonato, o leite materno é o primeiro alimento que irá supri-lo, único e inigualável, que a criança recebe. O primeiro leite produzido é chamando colostro, considerado rico em proteínas, anticorpos, e baixo em gordura.

Esse difere do leite maduro, que aparece por volta do sétimo ao décimo dia, e apresenta um teor mais alto de gordura. Durante a amamentação, o lactente recebe estímulos que aumentam o desenvolvimento físico desse e o afetivo, o mental e social, além de fortalecer o vínculo materno logo nas primeiras semanas (Brasil, 2009).

Entretanto, mesmo que a amamentação apresente uma série de benefícios para mãe e bebê, a interrupção prematura da amamentação ainda se apresenta como um grande dificultador do processo de amamentação. No Brasil, de acordo com análise realizada em 2008 pelo Instituto Nacional do Câncer, as taxas de aleitamento materno precoce foram mais altas nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, com 72,9%, 72,0% e 71,8% dos bebês lactados na primeira hora de vida, respectivamente. A região Sudeste teve uma taxa mais baixa, de 63,5%. Ao nível nacional, cerca de 67,7% dos recém-nascidos receberam aleitamento materno precoce, sendo os resultados um fator preocupante para a saúde pública (Inca, 2008 *apud* Venâncio *et al.*, 2010). Interromper a amamentação antes de seis meses passa a ser uma consequência, fruto de uma série de dificuldades apresentadas pela puérpera.

A amamentação, ainda no período inicial, pode ser interrompida precocemente por alguns fatores, entre os quais são: lesão ou trauma mamilar, ausência de orientação sobre amamentação sobre benefícios e instruções de como fazer, dor durante o ato, produção insuficiente do leite materno, pega incorreta do bebê e mamilos invertidos que é uma causa anatômica (Santos Júnior *et al.*, 2023). Os primeiros dias de amamentação são essenciais para identificar quais as principais dificuldades da progenitora durante o ato de amamentar, para assim sanar eles o mais rápido, não interrompendo o processo da amamentação. E cabe ao profissional de saúde identificar esses no pré-natal ou na maternidade após nascimento do bebê.

Dessa forma, o enfermeiro na maternidade auxilia na primeira mamada, sempre instruindo na pega correta do bebê. O profissional deve estar atento anatomia mamária de cada mãe, pois essa pode contribuir para dificuldades nos estágios iniciais do aleitamento materno, principalmente quando existem deformidades, o que, no geral, irá travar a pega e manutenção da mamada, interferindo no tipo de amamentação praticada. E ainda durante fase de apojadura, ou seja, a fase em que ocorre a descida do leite, deve ser inspecionada pela equipe de saúde, com a justificativa de ressaltar o ato da retirada do acúmulo de leite da região mamária, além da realização do teste de flexibilidade areolar, antes de começar a mamada (Coca *et al.*, 2009). Deve-se identificar se há produção suficiente de leite e se pode ser

resolvida, ou se por orientação médica será recomendado uso de fórmulas, essa sempre em último caso.

Sobre as lesões nos seios, essas podem ser classificadas em dois tipos principais: primárias e secundárias. Lesões primárias envolvem o eritema, a equimose e a vesícula, já as secundárias envolvem o edema, escoriação, fissuras ou rachaduras e as ulcerações. O período de maior aparecimento das lesões mamilares ocorre durante a primeira semana de vida do recém-nascido (Dias; Vieira, T.; Vieira, G., 2017). O profissional deve informar as gestantes sobre o possível aparecimento das lesões, instruindo-as a como evitar e a buscar ajuda caso surja algum trauma, e evitar ao máximo interromper a amamentação (Moraes, 2020).

Mulheres multíparas, isto é, que tiveram mais de um processo gestacional, também possuem dificuldades em aceitar a amamentação novamente, em casos de experiências negativas. A lembrança da própria situação negativa da amamentação reativa sentimentos que dificulta aceitar uma nova perspectiva, onde o risco potencial de experimentar outra situação intimidante de amamentação pode tornar a ideia de amamentar um futuro filho tão desconfortável, que é impossível planejar ou o implementar, muitas das vezes tendo a decisão de interromper o ato ainda na maternidade. A perspectiva de amamentar, portanto, pode parecer irracional e excessivamente estressante durante a gravidez (Palmér, 2019). Tal medo contribui para a interrupção antes do tempo ideal, contribuindo de forma negativa para todos os benefícios, incluindo a prevenção do carcinoma mamário.

Do ponto de vista psicológico, interromper a amamentação também pode ocasionar episódios de estresse e ansiedade, acarretando dificuldades de aceitação e gerando sofrimento. A relação entre a cessação da amamentação e o sofrimento psicológico pode funcionar em ambas as direções: mulheres que têm dificuldade em amamentar podem estar sujeitas a pressão para continuar, o que pode contribuir para sintomas de transtornos mentais (Diez-Sampedro *et al.*, 2019). As alterações no corpo da mulher também podem alterar a imagem corporal delas, trazendo inseguranças, sendo necessário o profissional trabalhar sobre como essas mães se veem e se sentem, para que isso não vire um empecilho na hora de amamentar o bebê em casa ou em outros locais (Primo *et al.*, 2023).

O retorno ao trabalho também pode ser um motivo que acarreta uma diminuição do tempo de amamentação exclusiva, sendo um dos grandes indicadores de desmame precoce. É um dos contratempos enfrentados pelas nutrizes, em que o

contexto familiar se modificou, e a mãe muitas das vezes é a provedora de boa parte da renda domiciliar (Areia *et al.*, 2020). Tal fator, além de ser prejudicial ao bebê, diminui os benefícios para a progenitora, incluindo gastos exagerados com alimentos industrializados.

É comum as mães utilizarem para desmame ou em conjunto da amamentação bicos de mamadeiras e chupetas para os bebês e crianças, uma prática não recomendada pela OMS, sendo considerada uma das antagonistas da lactação, citada nos Dez Passos Para o Sucesso do Aleitamento Materno. Apesar das recomendações da Organização Mundial de Saúde, os hábitos culturais e familiares são de difícil controle, onde a justificativa para se oferecer uma chupeta está geralmente ligada ao choro frequente do bebê, e assim utilizam a chupeta para acalmá-lo ou distraí-lo (Buccini, 2016 *apud* Carreiro *et al.*, 2018). Com o tempo, tais hábitos acabam fazendo com que a criança deixe de mamar nos seios da mãe, tendo uma preferência por bicos artificiais, considerados mais fáceis para a alimentação.

Diante de tamanhas dificuldades no processo de amamentação, é necessário o processo de investigação desses fatores, criando intervenções que acarretam mudanças benéficas, promovendo esse elo materno-infantil para benefícios mútuos, onde todos os “vilões da amamentação” possam ser evitados, possibilitando uma redução do Câncer de Mama, tema frisado nesse projeto. Também capacitando os profissionais de saúde em relação a isso para poder trazer esse benefício e conscientizar sobre a importância que isso teria na redução dos percentuais do câncer de mama.

1.3 INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM E PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO NA PREVENÇÃO DA NEOPLASIA MAMÁRIA MALIGNA

A enfermagem possui uma grande importância no processo de prevenção e promoção de saúde, possibilitando que informações corretas cheguem aos pacientes. Neste contexto, o enfermeiro atua como educador, conselheiro e defensor das práticas adequadas de amamentação, garantindo o cuidado multidisciplinar para a mãe e o filho ao longo da jornada de amamentação, bem como tirando dúvidas sobre a essa prática na prevenção do carcinoma mamário, além de oferecer uma compreensão mais aprofundada sobre o papel central da mãe nesse período único da vida do recém-nascido (Leite *et al.*, 2021).

O Pré-Natal representa uma excelente oportunidade de se receber orientações adequadas sobre a amamentação, incluindo sua importância na prevenção de diversos males, como o câncer de mama. Diante disso, é fundamental que os profissionais de enfermagem durante esse período aproveitem para ensinar a gestantes os benefícios e orientando sobre a redução do risco de câncer, além dos pontos positivos para a saúde do bebê, considerando seu cotidiano e vivências. Dada a individualidade da experiência de cada maternidade, é crucial considerar seu contexto social, econômico e cultural, ao oferecer o apoio contínuo (Oliveira; Souza, 2013).

Esse processo se inicia na atenção básica, onde as consultas são essenciais para contribuir com o aprendizado constante. Por meio dessas interações, pacientes e enfermeiros podem construir um entrosamento forte, baseado na confiança e no entendimento mútuo, promovendo uma experiência de saúde mais proveitosa e decisiva. A atenção básica visa o planejar e implementar projetos onde a sensibilidade, o diálogo franco e percepção do cenário se tornam condições substanciais durante as consultas, visando melhorar a assistência e promover a saúde (Walter *et al.*, 2023).

Os enfermeiros especializados em amamentação podem fornecer acompanhamento contínuo às mães, orientando-as durante o período de amamentação e ajudando a resolver dificuldades que possam surgir ao longo desse processo. O fornecimento do acompanhamento, orientando-as durante o período de amamentação e ajudando a resolver dificuldades que aparecerem é essencial, ensinar técnicas adequadas como a posição correta do bebê e o esvaziamento adequado das mamas, é necessário para evitar problemas como mastite que podem desestimular a continuidade da amamentação. É importante que após o parto o enfermeiro ofereça suporte emocional à mãe, ajudando-a superar dificuldades comuns, como dor ou problemas na pega correta do bebê, esse apoio pode aumentar as chances de êxito no aleitamento materno exclusivo (Ribeiro; Santos, 2024).

Durante o período de amamentação, os níveis de estrogênio na mulher, o estímulo hormonal sobre as células mamárias e o risco de mutações que possam levar ao câncer reduzem (Soares *et al.*, 2019). O esvaziamento regular das glândulas mamárias reduz a estagnação do leite e o acúmulo de substâncias potencialmente nocivas que podem auxiliar no avanço do câncer. As chances de problemas gastrintestinais, respiratórios e alergias também são fatores favoráveis sobre.

Os enfermeiros podem participar da implementação de políticas que incentivem a amamentação, como a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), que apoia a prática de amamentação em exclusividade durante os primeiros seis meses de vida. Evidências sugerem que o aleitamento materno prolongado, por um período superior ao tempo indicado, oferece maior proteção contra o câncer de mama (Toma; Rea, 2008). Assim, os enfermeiros devem incentivar as mães a amamentarem mais, e explicar o tempo ideal, proporcionando maiores chances de se evitar o cancro.

Apesar de sua importância, a amamentação muitas das vezes apresenta desafios para a progenitora, sendo a conciliação com as responsabilidades trabalhistas um dos principais obstáculos dessa prática ancestral. Ambientes de trabalho colaborativos e diálogo aberto entre mulheres criam uma rede de apoio, expandida em áreas onde outras colaboradoras já passaram por experiências semelhantes (Silva *et al.*, 2023). A inclusão dos familiares, mesmo não podendo estar todos os presentes no momento da consulta, é muito importante para haver uma contribuição afetiva e responsável entre os participantes, utilizando como meios de comunicação as palestras e conversas na sala de espera (Dias; Boery; Vilela, 2016).

A prática da extração do leite é vivenciada de forma diferente para cada mulher, com base nisso, o apoio e entendimento a serem transmitido é essencial para a nutrição necessária do lactante (Silva *et al.*, 2022). É importante que o enfermeiro explique para a gestante sobre o direito da amamentação no ambiente profissional, incentivando que ocorra a amamentação nesses períodos de descanso, de forma que garantam a nutrição do bebê e os benefícios para a mulher empregada.

A IHAC, lançada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) para aumentar o amparo à amamentação em hospitais em todo o mundo, inclui dez etapas que podem ser implementadas para alcançar uma amamentação bem-sucedida. Da mesma forma, o modelo de franquia social para alimentação de bebês e crianças pequenas (IYCF) sugeriu que um estabelecimento de saúde deve fornecer esses serviços, promoção, apoio e gestão exclusiva da lactação, e educação e gestão de alimentação complementar (Unicef, 2018).

Ao ensinar as técnicas de amamentação, a progenitora se sentirá confiante e encorajada para o manter em exclusividade até os seis meses de nascimento do seu filho (Pinto *et al.*, 2020). Outro fator importante é orientar a não utilização de fórmulas para alimentar a criança, explicando todos os nutrientes que somente o leite materno

possui, incluindo destacar os anticorpos únicos, fatores imunológicos e ácidos graxos essenciais vitais para o desenvolvimento saudável e a proteção contra doenças ao bebê.

O aleitamento materno tem sido enfatizado na comunidade científica por promover um intervalo mais longo entre as gestações, ao atrasar o retorno da ovulação e acelerar a involução uterina, resultando em redução na perda sanguínea durante o pós-parto (Rodrigues, F. *et al.*, 2020). Sua influência na prevenção do câncer de mama merece grande destaque, visto que essa relação ainda possui pouca discussão entre os estudos sobre benefícios desse ato materno na redução da neoplasia.

As intervenções de enfermagem, considerando a saúde pública como realidade, podem incluir a inserção de grupos de apoio ao aleitamento, onde irão compartilhar vivências e receber suporte de outras mulheres, esse método pode mostrar alguma eficácia para aumentar a confiança e promover uma amamentação mais duradoura e sucedida, potencializando seus efeitos preventivos contra a neoplasia mamária maligna (Dias; Boery; Vilela, 2016).

Visando a importância da assistência básica no compartilhamento dos assuntos a respeito da prevenção da doença, a formação adequada e atualização contínua dos profissionais é extremamente essencial, onde os responsáveis da instituição pública necessitam investir em seus funcionários (Alves *et al.*, 2018). Com a atenção primária sendo o primeiro contato do paciente com o sistema de saúde, é necessário que maiores intervenções comecem nessa fase, onde ocorre uma maior troca de informações, e conseqüentemente as dúvidas são sanadas durante as consultas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo consiste em uma revisão bibliográfica descritiva, utilizando obras publicadas por outros autores, com o objetivo de revisar, analisar e descrever para atingir o intuito da pesquisa (Sousa; Alves; Oliveira, 2021). Na revisão bibliográfica, é fundamental consultar, ler e filtrar a bibliografia existente sobre o tema com um olhar crítico. Utilizando literatura especializada, deve-se iniciar com estudos de maior amplitude antes de avançar para pesquisas mais específicas (Marconi; Lakatos, 2021).

Também abordará os dados obtidos de forma exploratória e quantitativa, focando na discussão dos dados já analisados e na compreensão de suas implicações. A pesquisa foi realizada de março a outubro de 2024, incluindo artigos publicados entre 2014 e 2024, com ênfase nos últimos 5 anos. Foram considerados artigos em espanhol, inglês e português. Os critérios de seleção incluíram artigos em formato de texto completo, publicações dos últimos 5 anos e idiomas específicos. Já os critérios de exclusão incluíram artigos duplicados em bases de dados diferentes, publicações não disponíveis na íntegra e artigos que não abordavam o tema proposto. Dos 98 artigos encontrados, 52 foram selecionados, priorizando aqueles que abordavam aspectos morfológicos e ações do enfermeiro na amamentação para prevenção do carcinoma maligno mamário.

A coleta de informações ocorreu nas bases de dados da PubMed, da Scientific Electronic Library Online (SciELO), da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), do Google Acadêmico, da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e a Biblioteca Online da Faculdade Multivix, assim como consulta em sites de órgão nacional, como: Ministério da Saúde, Instituto Nacional do Câncer (INCA). Na seleção dos artigos, foram empregados os seguintes operadores booleanos, assim como suas combinações, em espanhol, inglês e português: “Amamentação no câncer de mama” AND “Prevenção do Câncer de Mama”; “Breastfeeding in cancer” AND “Breast cancer” AND “Lactancia materna” e “Câncer de mama”.

3 DISCUSSÃO

No quadro 1, a seguir, apresenta-se a disposição dos artigos utilizados nessa pesquisa, quanto ao título, autor, ano, objetivo, principais resultados e conclusões.

Quadro 1 – Apresentação da síntese de artigos incluídos na revisão

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR/ ANO	OBJETIVO	RESULTADOS	RECOMENDAÇÕES / CONCLUSÕES
Análise de dados epidemiológicos de pacientes acompanhadas por neoplasia mamária em um hospital de Fortaleza (CE)	Torres <i>et al.</i> / 2016	Análise do perfil demográfico e os fatores de risco de pacientes com câncer de mama em hospital de Fortaleza.	Estudo sobre câncer de mama em 79 mulheres revelou que 88,2% amamentaram por menos de 1 ano.	É fundamental encorajar a amamentação exclusiva por pelo menos 6 meses e estendê-la até os 2 anos ou mais.

Amamentação e câncer de mama: um estudo caso-controle em pacientes do Hospital Nacional Arzobispo Loayza, Lima-Peru	Camayo / 2008	Investigar a relação entre o câncer de mama e a amamentação em mulheres peruanas.	Estudo com 103 pacientes e 208 controles (50-70 anos) identificou que amamentar após 30 anos reduz notavelmente o risco de câncer de mama.	Quanto maior o período de amamentação menor o risco de câncer de mama.
Paridade e amamentação são protetoras contra câncer de mama em mulheres nigerianas.	Huo <i>et al.</i> / 2008	Estudo como o propósito de estudar a relação entre fatores reprodutivos e risco de câncer de mama em mulheres na Nigéria.	A amamentação reduz o risco de câncer de mama em 1/3 para mulheres que amamentaram por pelo menos 12 meses por criança, além de reduzir 7% o risco para cada 12 meses adicionais.	Os resultados sugerem que a amamentação prolongada é um fator importante contra o câncer de mama.
O impacto da amamentação no câncer de mama entre mulheres na cidade de Sulaimani	Kareem; Mohamm ed / 2023	Verificar se amamentação protege contra câncer de mama e efeito da duração	O resultado do estudo revelou que a amamentação reduz significativamente o risco de câncer de mama, com uma redução de 53% no risco relativo.	O estudo conclui que a amamentação foi associada significativamente ao câncer de mama, influenciado pela amamentação, principalmente a que se ocorre de forma exclusiva.
Amamentação e risco de câncer de mama em portadoras de mutações BRCA1 e BRCA2	Kotsopoulos <i>et al.</i> / 2012	Investigar se a amamentação reduz o risco de câncer de mama em mulheres com mutação nos genes BRCA1/B RCA2.	Mulheres com mutação BRCA1 que amamentam têm menor risco de câncer de mama: 32% (1 ano) a 49% (+2 anos). Mutação BRCA2 não apresentou uma redução significativa no risco.	Amamentação reduz risco de câncer de mama em portadoras de mutação BRCA1. Portadores de mutação BRCA devem ser informados sobre os benefícios da amamentação para prevenir câncer de mama.
Projeção da carga de câncer de mama devido a mudanças reprodutivas/de estilo de vida em mulheres coreanas (2013-2030) usando um modelo de coorte de idade-período.	Lee <i>et al.</i> / 2018	Estudo feito para estimar a carga do câncer de mama em relação à mudança no estilo de vida na Coreia do Sul entre os anos de 2013 e 2030.	Entre 1998 e 2015, a tendência crescente de amamentação por menos de 6 meses está prevista para aumentar o risco de câncer de mama, resultando em uma carga de 22 anos de vida perdidos (DALYs) para cada 100.000 mulheres em 2013, com uma projeção de aumento para 46 anos em 2030.	O estudo mostra que, embora a média de anos perdidos por mulher seja pequena, o impacto total em uma população grande é significativo. Isso destaca a importância de promover a amamentação prolongada, pois pode proteger a saúde das mulheres e reduzir o risco de câncer de mama.

<p>Incidência do câncer de mama em mulheres da província de Guantánamo no período 2015-2016</p>	<p>Lloga <i>et al.</i> / 2018</p>	<p>Caracterizar o câncer de mama em pacientes da província de Guantánamo no período 2015-2016.</p>	<p>Estudo sobre câncer de mama em Guantánamo (2015-2016) revelou que a faixa etária mais acometida é acima de 40 anos. Fatores de risco predominantes incluem amamentação insuficiente (menos de 4 meses).</p>	<p>A amamentação insuficiente foi identificada como um fator de risco importante para o câncer de mama, destacando a importância da amamentação prolongada na prevenção da doença.</p>
<p>Câncer de mama e amamentação: reanálise colaborativa de dados individuais de 47 estudos epidemiológicos em 30 países, incluindo 50.302 mulheres com câncer de mama e 96.973 mulheres sem a doença</p>	<p>Möller; Olsson; Ranstam / 2002</p>	<p>Investigar o papel da amamentação no efeito protetor da gravidez contra o câncer de mama, esclarecendo se a amamentação contribui para a redução do risco de desenvolver essa doença.</p>	<p>Mulheres com câncer de mama tiveram filhos e amamentaram menos (71%) do que controles (79%), com duração média de amamentação menor (9,8 vs 15,6 meses). Cada 12 meses de amamentação reduziu o risco em 4,3% (IC 95% 2,9-5,8; $p < 0,0001$), sugerindo que amamentação poderia ser responsável por quase dois terços dessa redução estimada na incidência de câncer de mama.</p>	<p>O aumento do tempo de amamentação está diretamente relacionado à redução do risco de câncer de mama. A baixa duração ou ausência de amamentação, comum em países desenvolvidos, é um fator importante que contribui para as altas taxas de incidência de câncer de mama nessas regiões.</p>
<p>Uma análise conjunta do risco de amamentação e câncer de mama por status do receptor hormonal em mulheres hispânicas em gestação</p>	<p>Sangaramoorthy <i>et al.</i> / 2019</p>	<p>Investigar a relação entre amamentação e risco de câncer de mama em mulheres hispânicas.</p>	<p>O estudo encontrou que a amamentação prolongada reduz o risco de câncer de mama (OR = 0,73 para ≥ 25 meses vs. 0 meses), especialmente em mulheres com receptor de estrogênio positivo (HR+). Além disso, a amamentação atenua o aumento do risco de câncer de mama HR+ associado à primeira gravidez em idade avançada.</p>	<p>O estudo sugere que a amamentação é um fator protetor contra o câncer de mama em mulheres hispânicas.</p>
<p>Amamentação e câncer de mama: estudo de caso-controle no Sul do Brasil</p>	<p>Tessaro <i>et al.</i> / 2003</p>	<p>Investigar a relação entre amamentação e câncer de mama no Sul do Brasil</p>	<p>Amamentar reduz 10% o risco de câncer de mama. Amamentar por mais de 25 meses tem efeitos variados: reduz 5% no pré-menopausa e aumenta 27% na pós-menopausa, embora</p>	<p>O efeito da lactação parece ser pequeno e limitado a uma minoria de mulheres em risco de câncer de mama.</p>

			este último não seja conclusivo.
--	--	--	-------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Lee *et al.* (2018) conduziram um estudo na Coreia do Sul, onde o câncer de mama é o segundo mais comum e está em ascensão, para avaliar o impacto de mudanças no estilo de vida da população coreana na carga do câncer de mama e propor estratégias para alocação de recursos e planejamento de políticas públicas. Utilizando dados do Korea Central Cancer Registry (1999-2013), os pesquisadores estimaram os anos de vida ajustados por incapacidade (DALYs), medindo o tempo perdido de vida saudável. Um dos fatores examinados foi a amamentação, os resultados mostraram que, entre 1998 e 2015, houve uma redução na amamentação (menos de 6 meses). Considerando que a amamentação é um fator protetor para o câncer de mama, essa mudança projetará uma perda adicional de 24 anos de vida saudável (DALYs) em 2030 por ano devido ao câncer de mama, ou seja, 22 DALYs em 2013 passará para 46 DALYs por 100.000 pessoas/ano em 2030, afetando significativamente a qualidade de vida das mulheres.

O estudo de Huo *et al.* (2008) investigou fatores reprodutivos e a relação com o risco de câncer de mama em mulheres indígenas da Nigéria, entrevistando 819 casos de câncer de mama e 569 controles comunitários entre 1998 e 2006. Os resultados mostraram que a duração da amamentação está associada a um risco reduzido de câncer de mama, 7% no risco para cada 12 meses de amamentação e um quarto do risco reduzido para mulheres que amamentaram por pelo menos 12 meses por criança. Os resultados também revelaram que a duração da amamentação ao longo da vida diminuiu significativamente ao longo do tempo, devido ao menor tamanho da família e à menor duração da amamentação por criança, o que contribuiu para 15% do aumento na incidência de câncer de mama. A amamentação se mostrou um fator protetor independente contra o câncer de mama, mesmo após ajuste para outros fatores reprodutivos. Esses achados sugerem uma relação direta entre redução da amamentação e aumento do risco de câncer de mama.

Além disso, nos estudos dos autores Mölle, Olsso e Ranstam (2002), os dados de aproximadamente 47 estudos epidemiológicos realizados em 30 países indicam que cerca de metade das mulheres incluídas nessas análises amamentaram por um total de 6 meses ou menos, onde 15% dos bebês foram amamentando por mais de 30 meses. Não foi realizada uma distinção entre amamentação exclusiva e

amamentação com alimentação suplementar. Esses achados sugerem uma necessidade de políticas públicas para apoiar a amamentação exclusiva e prolongada, promovendo benefícios para a saúde infantil e materna, além de estratégias para educar e apoiar as mães na prática da amamentação.

Considerando que os padrões de amamentação podem ser responsáveis por uma significativa parte da variação na incidência de câncer de mama entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, é imperativa a realização de mais pesquisas sobre este tema. Estudos epidemiológicos futuros devem concentrar-se em populações nas quais a amamentação foi prevalente por períodos relativamente longos e devem buscar coletar informações sobre o uso de alimentação suplementar, bem como sobre possíveis erros no relato da duração da amamentação ao longo da vida.

Conforme as pesquisas de Kotsopoulos *et al.* (2012), as descobertas apresentadas corroboram a existência de um papel protetor da amamentação em relação ao risco de câncer de mama associado ao gene BRCA1. A ausência de uma associação para portadoras da mutação BRCA2 sugere que a via biológica para a carcinogênese difere entre os dois genes. Além disso, as proteínas BRCA1 interagem e participam do processo de transcrição na glândula mamária, ativado pela prolactina no final da gestação, desempenhando um papel crucial no crescimento e na diferenciação terminal das células epiteliais mamárias. É fundamental que mulheres portadoras de mutações nos genes BRCA sejam informadas sobre os benefícios da amamentação, especialmente no que diz respeito à redução do risco de câncer de mama.

De acordo com Kareem e Mohammed (2020), a incidência de câncer de mama pode ser mitigada por meio da conscientização da comunidade, da prática regular de atividades físicas e da adoção de dietas saudáveis. Essas medidas podem contribuir para a perda de peso e a diminuição da gordura corporal, reduzindo, assim, a exposição a estrogênios circulantes produzidos pelo tecido adiposo, os quais podem favorecer o desenvolvimento da doença, além de auxiliar no controle do sobrepeso e da obesidade. Os estudos destacam associações estatisticamente significativas entre câncer de mama e fatores como amamentação, número de crianças amamentadas e duração total da amamentação ao longo da vida. Os resultados indicam que 53% da redução do risco câncer de mama em mulheres iraquianas da amostra foi ocasionada pela amamentação.

Adicionalmente, o estudo realizado por Camayo (2008) no Hospital Nacional Arzobispo Loayza, que envolveu 103 pacientes com câncer de mama e 208 sem câncer, revelou dados importantes sobre a relação entre amamentação e câncer de mama. A análise mostrou que a amamentação reduz significativamente o risco de câncer de mama: 65% para mulheres que amamentaram por três meses ou mais e 76% para aquelas que amamentaram por um mês ou mais por filho. Dessa forma, o estudo evidencia a relação entre amamentação e redução do risco de câncer de mama, destacando a amamentação como fator modificável para prevenir a doença.

No estudo transversal, observacional, descritivo e retrospectivo de Torres *et al.* (2016), realizado com 79 prontuários de pacientes femininas com câncer de mama em Fortaleza, Ceará, onde verificaram-se os fatores de risco, dados demográficos e achados em exames. As mulheres apresentaram prevalência significativa de história de amamentação (86,7%), com duração de 15 dias a 5 anos, sendo 88,2% com duração menor ou igual a 1 ano. Este resultado é reforçado pelo estudo de Lloga *et al.* (2018) em Guantánamo, que analisou 81 pacientes em 2015-2016, revelando que 8,5% e 10,8% não amamentaram. Ambos os estudos sugerem que a amamentação é um fator relevante a ser considerado na relação com o diagnóstico de câncer de mama.

Estudo de Sangaramoorthy *et al.* (2019) revela que a amamentação reduz significativamente o risco de câncer de mama em mulheres hispânicas e mexicanas nos EUA. A amamentação reduz o risco em 17%, enquanto 25 meses ou mais de amamentação reduzem o risco em 37%. Além disso, oferece proteção adicional contra câncer de mama com receptor de hormônio positivo (HR+) e câncer de mama triplamente negativo (TNBC). Ter quatro ou mais filhos reduz o risco em 35% sem amamentação e 51% com amamentação por 13 meses ou mais, reforçando a importância da amamentação. Notavelmente também foi conclusivo que a amamentar neutraliza o aumento do risco para mulheres que têm o primeiro filho após os 30 anos. Portanto, a amamentação é fundamental na prevenção do câncer de mama, especialmente em mulheres na pré e pós-menopausa.

No entanto, divergindo das conclusões apresentadas por outros autores, Sérgio Tessaro *et al.* (2003) afirmam que o percentual benéfico da amamentação, identificado em sua pesquisa como 10%, não revelou associação significativa entre aleitamento materno e incidência de câncer de mama. Esses resultados são consistentes com os achados de diversos estudos adicionais, que empregam desenhos de caso-controle e

coorte, reforçando a ideia de que a lactação exerce um efeito protetor limitado, restrito a um subgrupo específico de mulheres com risco elevado de desenvolver câncer de mama.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise minuciosa da literatura científica sobre a relação da amamentação com o câncer de mama, foi possível confirmar que a amamentação uma das principais formas de proteção contra o câncer de mama. Os resultados dos estudos epidemiológicos, realizados em vários países, demonstraram que a amamentação reduz significativamente o risco da doença, reduzindo o risco em 7% a 17% ao amamentar por 12 meses ou mais. Além disso, esse fator de proteção independe de outros fatores reprodutivos.

É fundamental que os profissionais de saúde forneçam orientações claras e concisas sobre os benefícios da prática da amamentação, pois a falta de conhecimento sobre o assunto pode resultar em aumento dos casos de câncer e redução da prevenção. Dessa maneira, baseando-se em pesquisas confiáveis, o profissional enfermeiro pode realizar uma consulta de enfermagem clara sobre os benefícios da lactação pode esclarecer as formas pelas quais a amamentação protege contra o câncer de mama.

Para otimizar os benefícios que a amamentação traz em relação à neoplasia mamaria é fundamental ampliar programas e políticas públicas de aconselhamento sobre amamentação, para reduzir o percentual de mulheres afetadas pela patologia. É necessário ainda desenvolver mais pesquisas sobre as altas incidências em países desenvolvidos, transmitir à população a importância da amamentação e implementar estratégias para superar barreiras à amamentação. Essas ações visam proteger a saúde das mulheres e reduzir a incidência de câncer de mama.

5 REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Susan Ann; WANG, Justine; SPATZ, Diane. A Call to Action to Address Barriers to Breastfeeding and Lactation Faced by Student-Mothers. **Nursing For Women'S Health**, [s.l.], v. 21, n. 6, p. 431-437, dez. 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29223206/>. Acesso em: 20 maio 2024.

ALVES, Tássia Regine de Moraes *et al.* Contribuições de enfermeiros na promoção do aleitamento materno exclusivo. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Parnamirim, v. 19, n. 33072, p. 1-8, 13 nov. 2018. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38654/1/2018_art_trmalves.pdf. Acesso em: 13 abr. 2024.

AREIA, Jucelia Santos *et al.* As principais motivações elencadas para o desmame precoce por lactantes adultas: revisão integrativa da literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s.l.], v. 4, n. 41, p. 1-9, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2568>. Acesso em: 08 abr. 2024. Acesso em: 04 abr. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. 23. ed. Brasília: MS, 2009. 112 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

BASREE, Mustafa *et al.* Abrupt involution induces inflammation, estrogenic signaling, and hyperplasia linking lack of breastfeeding with increased risk of breast cancer. **Breast Cancer Research**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 21-80, 17 jul. 2019. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31315645/#:~:text=Conclusions%3A%20We%20report%20here%20for,factor%20for%20developing%20breast%20cancer>. Acesso em: 05 abr. 2024.

BRITO-MARCELINO, Arthur *et al.* Breast cancer and occupational exposures: an integrative review of literature. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, [s.l.], v. 18, n. 04, p. 488-496, 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7934163/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

BRUNO, Bruna Chagas Rodrigues *et al.* Câncer de mama: é possível prevenir?. **Uningá Review**, [s.l.], v. 28, n. 1, p. 88-93, set. 2016. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1843>. Acesso em: 24 maio 2024.

CAMAYO, José Rojas. Amamentação e câncer de mama: um estudo caso-controle em pacientes do Hospital Nacional Arzobispo Loayza, Lima-Peru. **Anais da Faculdade de Medicina**, Lima, v.69, n.1. Mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1025-55832008000100005. Acesso em: 20 set. 2024.

CARREIRO, Juliana de Almeida *et al.* Dificuldades relacionadas ao aleitamento materno: análise de um serviço especializado em amamentação. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s.l.], v. 31, n. 4, p. 430-438, jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/VpgWqMNCRFF5vLVJvFfPSXz/?lang=pt>. Acesso em: 09 abr. 2024.

COCA, Kelly Pereira *et al.* Factors associated with nipple trauma in the maternity unit. **Jornal de Pediatria**, [s.l.], v. 85, n. 4, p. 341-345, 7 ago. 2009. Jornal de Pediatria. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/stkvCpFMLL97vz4F4TdMz9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 abr. 2024.

COELHO, Aline Silva *et al.* Predisposição hereditária ao câncer de mama e sua relação com os genes *BRCA1* e *BRCA2*: revisão da literatura. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, [s.l.], v. 50, n. 1, p. 17-21, 12 abr. 2018. Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/predisposicao-hereditaria-ao-cancer-de-mama-e-sua-relacao-com-os-genes-brca1-e-brca2-revisao-da-literatura/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CORDERO, Maria José Aguilar *et al.* Lactancia materna: un método eficaz en la prevención del cáncer de mama. **Nutricion Hospitalaria**, [s.l.], v. 25, n. 6, p. 954-958, 1 nov. 2010. Grupo Aula Médica. Disponível em: <https://scielo.isciii.es/pdf/nh/v25n6/original6.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

CROSS, Brandie Makeba *et al.* Cellular calcium dynamics in lactation and breast cancer: from physiology to pathology. **American Journal Of Physiology-Cell Physiology**, [s.l.], v. 306, n. 6, p. 515-526, 15 mar. 2014. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3948975/>. Acesso em: 01 set. 2024.

DIAS, Janaína Silva; VIEIRA, Tatiana de Oliveira; VIEIRA, Graciete Oliveira. Factors associated to nipple trauma in lactation period: a systematic review. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 27-42, mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/xRRqKBnsWXYmnfLjzvXsmcr/?lang=en>. Acesso em: 04 abr. 2024.

DIAS, Rafaella Brandão; BOERY, Rita Narriman Silva de Oliveira; VILELA, Alba Benemérita Alves. Conhecimento de enfermeiras e estratégias de incentivo da participação familiar na amamentação. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 8, p. 2527-2536, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Z3YkRvmjcTvyQ8nRsc7gGCM/?lang=pt#>. Acesso em: 12 out. 2024.

DIEZ-SAMPEDRO, Ana *et al.* Women's Choice Regarding Breastfeeding and Its Effect on Well-Being. **Nursing For Women'S Health**, [s.l.], v. 23, n. 5, p. 383-389, out. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31465748/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

FERREIRA, Thelen Daiana Mendonça *et al.* Influência das avós no aleitamento materno exclusivo: estudo descritivo transversal. **Einstein (São Paulo)**, [s.l.], v. 16, n. 4, p. 1-7, 24 maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZpGWtFXKMMf6bWhbjV9L9JD/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FRANÇA-BOTELHO, Aline do Carmo *et al.* Breastfeeding and its relationship with reduction of breast cancer: a review. **Asian Pacific J Cancer Prev**, [s.l.], v. 13, n. 11, p. 5327-5332, nov. 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23317179/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

LLOGA, Tatiana de la Caridad Gómez *et al.* Incidencia de câncer de mama en mujeres de la provincia Guantánamo en el período 2015-2016. **Revista Información Científica**, [s.l.], v. 97, n. 5, p. 955-965, dic. 2018. ISSN 1028-9933. Disponível em:

<https://revinfcientifica.sld.cu/index.php/ric/article/view/2125/3879>. Acesso em: 20 set. 2024.

HUO, Dezheng *et al.* Parity and breastfeeding are protective against breast cancer in Nigerian women. **British Journal Of Cancer**, [s.l.], v. 98, n. 5, p. 992-996, 26 fev. 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18301401/>. Acesso em: 24 out. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA). Ministério da Saúde, Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Dados e números sobre o Câncer de Mama: relatório anual 2023**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2023. 36p. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-de-mama/dados-e-numeros>. Acesso em: 10 maio 2024.

KAREEM, Shadan Yasin; MOHAMMED, Atiya Kareem. The impact of Breastfeeding on Breast Cancer among women in Sulaimani city. **Journal Of University Of Raparin**, Sulaimani, v. 7, n. 3, p. 437-452, ago. 2020. Disponível em: <https://journal.uor.edu.krd/index.php/JUR/article/view/280/157>. Acesso em: 20 set. 2024.

KOTSOPOULOS, Joanne *et al.* Breastfeeding and the risk of breast cancer in BRCA1 and BRCA2 mutation carriers. **Breast Cancer Research**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 133-140, 9 mar. 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22405187/>. Acesso em: 20 set. 2024.

LAMBERTINI, Matteo *et al.* Reproductive behaviors and risk of developing breast cancer according to tumor subtype: A systematic review and meta-analysis of epidemiological studies. **Cancer Treatment Reviews**, [s.l.], v. 49, n. 07, p. 65-76, set. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27529149/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

LEE, Joo Eun *et al.* Projection of Breast Cancer Burden due to Reproductive/Lifestyle Changes in Korean Women (2013-2030) Using an Age-Period-Cohort Model. **Cancer Research And Treatment**, [s.l.], v. 50, n. 4, p. 1388-1395, 15 out. 2018. Korean Cancer Association. Disponível em: <https://www.e-crt.org/journal/view.php?doi=10.4143/crt.2017.162>. Acesso em: 20 set. 2024.

LEITE, Airton César *et al.* Atribuições do enfermeiro no incentivo e orientações a puerpera sobre a importância do aleitamento materno exclusivo. **Research, Society And Development**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 1-23, 17 jan. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348567142_Atribuicoes_do_enfermeiro_no_incentivo_e_orientacoes_a_puerpera_sobre_a_importancia_do_aleitamento_materno_exclusivo. Acesso em: 25 abr. 2024.

MA, Huiyan *et al.* Reproductive factors and the risk of triple-negative breast cancer in white women and African-American women: a pooled analysis. **Breast Cancer Research**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 12-14, 13 jan. 2017. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <https://breast-cancer-research.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13058-016-0799-9#citeas>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas Ltda, 2021. 354 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770670/>. Acesso em: 19 maio 2024.

MARTUCHELI, Karina Costa. **O enfermeiro e o aleitamento materno na estratégia de saúde da família**. Orientadora: Cibele Alves Chapadeiro de Castro Sales. 2010. 45 f. Monografia (Especialização) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Berilo, 2010. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registo/_O_enfermeiro_e_o_aleitamento_materno_na_estrategia_de_saude_da_familia_/458. Acesso em: 12 maio 2024.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Atlas Ltda, 2019. 187 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597008821/>. Acesso em: 23 maio 2024.

MÖLLER, Torgil; OLSSON, Håkan; RANSTAM, Jonas. Breast cancer and breastfeeding: collaborative reanalysis of individual data from 47 epidemiological studies in 30 countries, including 50 302 women with breast cancer and 96 973 women without the disease. **The Lancet**, [s.l.], v. 360, n. 9328, p. 187-195, jul. 2002. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12133652/>. Acesso em: 20 set. 2024.

MORAES, Isanete *et al.* Percepção sobre a importância do aleitamento materno pelas mães e dificuldades enfrentadas no processo de amamentação. **Revista de Enfermagem Referência**, [s.l.], v., n. 2, p. 1-7, 30 jun. 2020. Disponível em: <http://scielo.pt/pdf/ref/vserVn2/vserVn2a09.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

OLIVEIRA, Janaine de; SOUZA, Amanda Quadros de. O papel do enfermeiro frente ao aleitamento materno na atenção básica à saúde: revisão integrativa. **Revista de Saúde Faculdade Dom Albert**, Santa Cruz do Sul, v. 10, n. 2, p. 43-64, abr. 2013. Disponível em: <https://revista.domalberto.edu.br/revistadesaudedomalberto/article/view/839>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PAIVA, Anne Karoline Ferreira de *et al.* Sociedade Brasileira de Mastologia. **Câncer de Mama: Vamos conversar?** Goiânia: Bee Content Digital, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://www.sbmastologia.com.br/wp-content/uploads/2021/10/E-book-2-Nutricao-Ca%CC%82ncer-de-Mama.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2024.

PALMÉR, Lina. Previous breastfeeding difficulties: an existential breastfeeding trauma with two intertwined pathways for future breastfeeding.: fear and longing. **International Journal Of Qualitative Studies On Health And Well-Being**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 1-14, jan. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30893016/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

PINTO, Kelly Cristina de Lima Ramos *et al.* Prevalência do desmame precoce e suas principais causas. **Brazilian Journal Of Health Review**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 717-728, jan. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/6597>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PRIMO, Cândida Caniçali *et al.* Imagem corporal da mulher durante amamentação: análise suportada em teoria de enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm**, [s.l.], v. 44, n.51, p.1-10, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/M37mHdJDpX7qmHV8qgx4W5M/?lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2024.

RIBEIRO, Bruna Eduarda Santos; SANTOS, Diana Góis dos. Aleitamento: a importância do enfermeiro no banco de leite humano. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**, São Paulo, v.10, n.06, Jun., 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14756>. Acesso em: 06 set. 2024.

ROBLES, Paula Lasúrtegui. **Lactancia materna: ¿um fator protector ante el cáncer de mama?** 2023. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Escuela Universitaria de Enfermería de Vitoria-Gasteiz, Álava, 2023. Disponível em: <https://addi.ehu.es/handle/10810/60086>. Acesso em: 19 maio 2024.

RODRIGUES, Fernanda Odete Souza *et al.* Amamentação na prevenção do câncer de mama: revisão de literatura. **Revista Remecs - Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, [s.l.], v. 5, n. 9, p. 52-61, 20 dez. 2020. Disponível em: <https://revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/58>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RODRIGUES, Gylcinara Maria Moura *et al.* Desafios apresentados por primíparas frente ao processo de amamentação. **Revista Nursing**, Belém, v. 24, n. 281, p. 6270-6279, out. 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1343956>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Mariadel Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. México: Penso Editora Ltda, 2012. 612 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848367/>. Acesso em: 23 maio 2024.

SANGARAMOORTHY, Meera *et al.* A Pooled Analysis of Breastfeeding and Breast Cancer Risk By Hormone Receptor Status in Parous Hispanic Women. **Epidemiology**, [s.l.], v. 30, n. 3. Mai., 2019. ISSN: 1044-3983/19/3003-0449. Disponível em: https://journals.lww.com/epidem/abstract/2019/05000/a_pooled_analysis_of_breastfeeding_and_breast.20.aspx. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTOS JÚNIOR, Edson Batista dos *et al.* Dificuldades na amamentação enfrentadas por puérperas primíparas. **New Trends In Qualitative Research**, [s.l.],

v. 18, p. 817-829, 3 out. 2023. Disponível em: <http://scielo.pt/pdf/ntqr/v18/2184-7770-ntqr-18-e817.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, Ana Luiza Evangelista da; FAUSTINO, Willdvan Hallyhandro Demetrio Neves; SILVA, Thayza Manuella Evangelista da *et al.* O benefício da amamentação para a saúde da mulher contra o Câncer de mama. **Europub Journal Of Health Research**, [s. l.], v. 3, n. 4 Edição Especial, p. 486–492, 2022. Disponível em: <https://ojs.europubpublications.com/ojs/index.php/ejhr/article/view/287>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SILVA, Isília Aparecida *et al.* Amamentação continuada e trabalho: cenário de persistência e resiliência materna. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 76, n. 1, p. 1-8, mar. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/vBT6ZLzpBZqNwrRHnPYkbsG/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SOARES, Juliana de Cássia Nunes *et al.* Aleitamento materno na prevenção do câncer de mama: uma revisão integrativa da literatura maternal. **Revista UNINGÁ**. V. 56, n. S6, p. 13-22, jul./set. 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/1032>. Acesso em: 14 set. 2024.

SOUSA, Angélica Silva de; ALVES, Laís Hilário; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [s.l.], v.20, n.43, p.64-83. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 22 set. 2024.

STORDAL, Britta. Breastfeeding reduces the risk of breast cancer: A call for action in high-income countries with low rates of breastfeeding. **Cancer Medicine: Wiley Review**, [s.l.], v. 12, n. 4, p. 4616-4625, 26 set. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36164270/>. Acesso em: 17 maio 2024.

TESSARO, Sérgio *et al.* Breastfeeding and breast cancer: a case-control study in southern brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 19, n. 6, p. 1593-1601, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vbJsBFNPMmckrPnqdyPQsDQ/?format=html>. Acesso em: 20 set. 2024.

TOMA, Tereza Setsuko; REA, Marina Ferreira. Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança: um ensaio sobre as evidências. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 235-246, jul. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/G3cyKWQD8bdBxrJHvQyhGnL/#>. Acesso em: 10 set. 2024.

TORRES, Daniela Mesquita *et al.* Análise de dados epidemiológicos de pacientes acompanhadas por neoplasia mamária em um hospital de Fortaleza (CE). **Revista Brasileira de Mastologia**, [s.l.], v.26, n.2, p. 39-44. Jan., 2016. Disponível em: <https://revistamastology.emnuvens.com.br/rbm/article/view/208/177>. Acesso em: 20 set. 2024.

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND (UNICEF). Protecting, promoting and supporting Breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services: the revised baby-friendly hospital initiative. Hospital Initiative. Geneva: **World Health Organization**, 2018. 64 p. Disponível em:

<https://www.unicef.org/media/95191/file/Baby-friendly-hospital-initiative-implementation-guidance-2018.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

VASCONCELOS, Nathalia Cordeiro *et al.* Principais obstáculos na amamentação e repercussões do desmame precoce: revisão sistemática. **Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar**, [s.l.], v. 4, n. 4, p. 1-27, 15 abr. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47820/recima21.v4i4.3021>. Acesso em: 23 mar. 2024.

VENÂNCIO, Sonia Isoyama. *et al.* Breastfeeding practice in the Brazilian capital cities and the Federal District: current status and advances. **Jornal de Pediatria**, [s.l.], v. 86, n. 4, p. 317-324, 11 ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/sbjVS4KLNbh3nWsYz8FKBPK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 abr. 2024.

VIEIRA, Sonia; HOSSNE, William Saad. **Metodologia Científica para a Área de Saúde**. 3. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional S/A, 2021. 248 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595158658/>. Acesso em: 23 maio 2024.

WALTER, Érica *et al.* A importância do acompanhamento pré-natal na atenção básica na visão das gestantes. **Research, Society And Development**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 1-10, 3 jan. 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39431/32422>. Acesso em: 01 out. 2024.

ZUCCHETTI, Bruna Migliavacca; PECCATORI, Fedro Alessandro; CODACCI-PISANELLI, Giovanni. Pregnancy and Lactation: risk or protective factors for breastcancer?. **Advances In Experimental Medicine And Biology**, [s.l.], v. 1252, n. 1, p. 195-197, 20 ago. 2020. Springer International Publishing. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32816282/>. Acesso em: 18 mar. 2024.